

LIMA BARRETO E SEUS CONTEMPORÂNEOS: IMPASSES DA MODERNIDADE

Carmem Lúcia Negreiros de Figueiredo
UERJ

Entre os impasses resultantes da modernidade brasileira, no início do século XX, está o questionamento da tradição literária e cultural, especialmente aquele que através da *palavra* literária forjou o conceito de *país* e *paisagem*. Não se trata, apenas, de considerar a reflexão crítica sobre o Romantismo brasileiro e o papel do escritor e da literatura na criação de laços de co-nacionalidade. Ao dialogar com a tradição, intelectuais como Augusto dos Anjos, Lima Barreto, Euclides da Cunha, Monteiro Lobato, Pedro Kilkerry descobrem em tempos efervescentes de ordem e progresso, ares sombrios nas imagens anunciadas para o futuro, duvidam da onipotência do homem e põem, sob suspeita, a linguagem.

Suas reflexões indicam que se, de um lado, a modernidade tem uma relação radicalmente nova com a linguagem, por outro, acentua a tensão entre história e presente e redimensiona a memória, a partir dos impasses entre esquecer e lembrar. O que esquecer e o que lembrar, no âmbito da tradição, são as questões desses intelectuais, marcadas por uma lucidez crítica para trazê-las sem o ressentimento histórico, mas com o viés da memória criadora. Assim, nas suas recordações, vêm à tona os efeitos da ação intelectual na leitura da realidade, especialmente aqueles projetados pelo texto literário como fonte de imagens para a interpretação da terra, valores, costumes e, dentre os efeitos mais marcantes, está a construção da *paisagem*.

Encontramos na cultura brasileira o registro por meio da memória coletiva de uma rede de códigos culturais para a percepção da paisagem, uma tradição construída por um vasto conjunto de lembranças, mitos e lendas que, além de acompanhar extensos períodos da história social, também molda instituições e valores. Sob esse aspecto, *paisagem* constitui um lugar de

apropriação visual e um foco para a formação de identidade, o que supera a concepção estética de gêneros fixos (sublime, pitoresco, pastoral) da literatura, pintura ou fotografia e lugares considerados objeto de interpretação visual e meramente contemplativa. Compreendida como uma cena natural, mediada pela cultura, a paisagem revela-se um meio de troca no qual confluem uma formação histórica particular, e seus valores, em relação à tradição ocidental e suas inter-relações.

Imagens como a da terra de fertilidade ímpar, com árvores de copas altíssimas, carregadas de saborosos frutos, numa eterna primavera ao ritmo alegre dos cantares de pássaros de mil cores direcionaram os primeiros olhares para o Novo Mundo. A convenção romântica também ensinou ao homem brasileiro a ver a terra rica, exuberante, dadivosa; uma *paisagem* que paralisa a vida, na construção do *país* homogêneo, unívoco, linear, na *palavra* ambígua da ficção. Arrancar a imagem balsâmica, paradisíaca, alienante da *paisagem* incrustada no fluxo contínuo da tradição constitui o enorme desafio para poetas e romancistas, do início do século.

Já é bastante conhecida a incursão pela cultura brasileira feita pelo mais famoso personagem de Lima Barreto, o Policarpo Quaresma, que empreende uma viagem em direção à riqueza e exuberância da terra simbolizada, no romance, pelas aventuras do personagem num sítio, ironicamente chamado de “Sossego”, local, segundo o narrador, que “não era feio, mas não era belo.” Quaresma, autodidata e muito lido e sabido em cousas brasileiras, às imagens paradisíacas de referência à terra acrescenta os recursos cientificistas de interpretação e análise. Integrou às sólidas noções de Botânica, Mineralogia, Geologia e Zoologia o aparato técnico e instrumental necessários para comprovar a prodigalidade da terra. Será necessária a visita de Olga - a afilhada do protagonista de *Triste Fim de Policarpo Quaresma* ao sítio “Sossego” – com sua lucidez, para provocar uma reflexão ca primeiro junto ao leitor e, depois, iluminar as

noções do padrinho sobre pitoresco, terra, homem e trabalho no campo, auxiliando sua aquisição de conhecimento crítico.

A imagem do homem do campo forjada pelo cientificismo projetou a miséria e a doença sobre o indivíduo, sem relacioná-lo às condições sociais : seu abandono, desqualificação e, portanto, a ausência de perspectivas explicavam-se por fundamentos biológicos e raciais. Logo, se o romântico silencia o homem no cenário paradisíaco, o naturalismo culpa-o pelas ruínas do paraíso. A síntese desse processo pode ser vista na bela imagem elaborada por Monteiro Lobato em *Urupês*, que à fantástica natureza insere desânimo, lassidão infinita, solidão, dor, após uma inteligente e criativa seqüência de episódios irônicos que esvaziam os fundamentos naturalistas sobre terra e homem.

Interessado em uma releitura da paisagem e, conseqüentemente, do homem Euclides da Cunha viaja pelo país para identificar a imagem do brasileiro, perdido num paraíso há muito dissipado, e o escritor registra que em seu percurso a maior ruína encontrada foi o próprio homem - marcado por profundos sulcos de abandono, sob asas de paternalismo. Este sim corroía-lhe as forças, tornando-o dependente e desqualificado.

Sucedem-se choupanas pobres, em ruínas umas - tetos de sapé caídos sobre montes de terras e paus, roliços; habitadas outras, centralizando exíguas roças maltratadas, à beira dos córregos apaulados, onde os lírios selvagens derramam, no perfume insidioso, o filtro das maleitas. (...) O caipira desfibrado, sem o desempenho dos titãs bronzeados que lhe formam a linha obscura e heróica, saúda-nos com uma humildade revoltante, esboçando o momo de um sorriso deplorável, deixa-nos mais apreensivos como se víssemos uma ruína maior por cima daquela ruinaria da terra. (CUNHA, 1995, p. 208)

Textos poéticos contemporâneos, como os do poeta baiano Pedro Kilkerry (1885-1917) realizam artisticamente a dimensão do olhar desvendador de vidas subterrâneas, existências

paralelas complementando a vivência humana. Em *O Muro*, o olhar para a ruína de pedra emite códigos de exaustão, abandono, decrepitude e sofrimento.

E que cheiro que sai dos nervos dele,
Embora o caio roído, cor de brasa,
E lhe doa talvez aquela pele!

Mas um prazer ao sofrimento casa...
Pois o ramo em que o vento à dor impele
É onde a volúpia está de uma asa e outra asa...

(CAMPOS, 1985, p.66)

Há, no entanto, no romance *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá*, de Lima Barreto, um personagem pouco conhecido, intitulado pelo narrador de “historiador artista,” referência curiosa para uma época que, sob a inspiração de Nietzsche, questiona-se sobre o excesso de história, capaz de paralisar a faculdade plástica da vida e, quando contempla a natureza, os sinais da paisagem não são, apenas, superficiais e exteriores: ligam a memória individual à sociedade em imagens simultâneas de passado e presente, integrando o fluxo do tempo num conjunto de experiência acumulada. Revelam ainda o que nos constitui : a pluralidade, a hibridez, a heterogeneidade de tempos e espaços.

Serão, portanto, os passeios para contemplar a paisagem urbana e comentar a beleza da natureza, o olhar que acompanha o movimento das nuvens, da fumaça de um cigarro, das botas de um soldado na pompa de um desfile militar, o foco da narrativa guiada por Augusto Machado, o narrador, que se desvia da grandiosidade dos eventos para os insignificantes detalhes do cotidiano. Assim, de uma cena banal de observação de um jardim desenvolve-se uma profunda reflexão sobre cultura, arte, literatura: esta, promovendo ao indivíduo a consciência de si mesmo e da realidade que o cerca.

A esse tempo, passava, olhando tudo com aquele olhar que
os guias uniformizaram, um bando de ingleses, carregando
ramos de arbustos - vis folhas que um jequitibá não contempla!
Tive ímpetos de exclamar: doidos! Pensam que levam o tumulto
luxuriante da mata nessa folhagem de jardim!

Façam como eu: sofram durante quatro séculos, em vidas separadas,
o clima, o eito, para que possam sentir nas baixas células do organismo
a beleza da senhora - desordenada e delirante natureza do trópico de
Capricórnio!... E vão-se, que isto é meu!

Se, por um lado, a reflexão do narrador Augusto Machado revela o conteúdo da estereotipia cultural, por outro, supera a visão maniqueísta para o estrangeiro numa clara afirmação de que a cultura brasileira está imersa no movimento do mundo, e suas influências, demonstrando, especialmente, o intercâmbio de valores e idéias, através da arte, importante para o conhecimento e autoconhecimento. Mostra-nos o texto literário o duplo processo, na ordem do imaginário, que literatura e história constroem juntas, em torna da palavra que expressa a idéia que fazemos de nós mesmos, do *país*, da *paisagem*.

Logo me recordei, porém, dos meus autores - de Taine, de Renan, de M. Barrès, de France, de Swift, e Flaubert - todos de lá, mais ou menos da terra daquela gente! Lembrei - me gratamente de que alguns deles me deram a sagrada sabedoria de me conhecer a mim mesmo, de poder assistir ao raro espetáculo das minhas emoções e dos meus pensamentos.(LIMA BARRETO,1956,v.4, p.42)

Apesar disso, a historiografia literária continua silenciando o “tumulto”, dessa produção, em poesia e prosa do início do século, que indica serem ridículas as utopias isolacionistas, de um nacionalismo supressor de contatos e influências, (CÂNDIDO, 1987, p.155) superando a posição provinciana pela reflexão, de dentro mesmo do texto literário, do processo de integração e diferenciação na cultura ocidental. No cerne do dilema entre fidelidade local e mobilidade mundial, e como estágio significativo na superação da dependência, pela literatura, está a “capacidade de produzir obras de primeira ordem, influenciada, não por modelos estrangeiros imediatos, mas por exemplos nacionais anteriores”.(CÂNDIDO,1987,p.153).

Nessa perspectiva, tanto os poemas como a narrativa desses autores, exigirão do leitor uma aprendizagem para lidar com a insólita criação forjada no cosmopolitismo de sentidos e

linguagens. Um poeta como Augusto dos Anjos, a exemplo, pertence ao ideário da estética moderna que, desde Baudelaire, compreende todo o mundo visível, apenas, como um reservatório de imagens e de signos aos quais a imaginação deverá atribuir um lugar e um valor relativos. Na mesma medida em que abre a sensibilidade para captar a beleza extravagante do inorgânico, das vozes subterrâneas, de doentes, prostitutas, bêbados, do homem na sua pequenez diante do cosmos, estabelece um léxico violento e banal, concreto e compacto de expressões como cuspo, escarro, tosse, bacia, escarradeira, ferro, esterquilínio, numa inserção, de termos prosaicos, que dialoga com o melhor da tradição poética brasileira, aquela que, com o romântico Álvares de Azevedo incorporou imagens do cotidiano na poesia, através da irreverência e coloquialismo. É importante, para o poeta, a rejeição à sintaxe e vocabulário convencionais, porque sugerem exaustão, sofrimento, decrepitude (e isto é revelado ao leitor) para que a “idéia” não esbarre “ no mulambo da língua parálitica”(ANJOS,1994,p.204). A linguagem da tradição é a das sombras, alucinações ou de animais a “ganir incompreendidos verbos” no duelo secreto “Entre a ânsia de um vocábulo completo / E uma expressão que não chegou à língua”(ANJOS, 1994, p.215) .

Um dos traços essenciais da modernidade está na concepção de arte vista como alternativa de conhecimento e libertação, mas expressa pela melancolia não redime o poeta e inquieta o leitor. Essa “dor estética” que “consiste essencialmente na alegria” é, simultaneamente, motivo de crescimento libertador e dilaceração - do artista e leitor - explicando os gemidos, lamentos e mágoas nos poemas de Augusto dos Anjos, num processo intenso de consciência crítica e auto-referencialidade.

Diabo! Não ser mais tempo de milagre!
Para que esta opressão desapareça
Vou amarrar um pano na cabeça,
Molhar a minha fronte com vinagre.

- - - - -

Mas tudo é ilusão de minha parte!
Quem sabe se não é porque não saio
Desde que 6^a. feira, 3 de Maio,
Eu escrevi os meus Gemidos de Arte?!(ANJOS, 1994,p.300)

Estabelece-se com o leitor o acordo tácito de fascínio e choque, numa relação paradoxal com as verdades estabelecidas: a musicalidade encantatória dos seus versos, a estruturação em decassílabos e a singularidade dos termos científicos realizam uma aproximação com aquilo que o público intelectualizado acreditava ser um misto de lirismo e termos do conhecimento científico dominante (o haeckelianismo e evolucionismo) . A junção de tais aspectos atrai o leitor, organiza-lhe o quadro de expectativas antes de introduzir o dado perturbador, deformante, anulando, ironicamente, o sentido do provável ou do esperado. Para o artista, é essencial renovar os códigos literários, lingüísticos, culturais falando, todavia, de dentro desses próprios códigos, a corroer-lhes a unidade para fazer brotar uma forma crítica, fragmentária, instigante, não necessariamente transformadora, nem certamente niilista. Apenas o paradoxo a caracteriza !

Essa contradição aponta o fascínio do artista pela consciência em desenvolvimento, no âmbito estético, psicológico ou histórico e permite um diálogo com as reflexões de Mário de Andrade, em *Prefácio Interessantíssimo*, no sentido de que “escrever arte moderna” não implica somente a apresentação de problemas figurativos, mas crucialmente estéticos, tais como a elaboração de estruturas, o uso da linguagem e o papel do artista como propõe a ficção de Lima Barreto que realiza uma sofisticada reflexão sobre a natureza da ficção na literatura, na cultura, na história humana. Afinal, o mais importante para o romancista, nesse contexto, não é a representação dos fatos; a reflexão sobre os meios e a impossibilidade de, seguramente, narrar torna-se o assunto do romance. A escolha das categorias tempo e espaço como assunto principal, indicam ser a intimidade com miragens, com o extraordinário, com a ficção, características tanto

da modernidade, quanto da herança cultural; revelam, também, o compromisso do ficcional com a investigação de contextos humanos - psicológico, ético, político.

Assim, as dificuldades que cercam um escritor, entre elas a solidão, o questionamento sobre valor e função do que escreve são personificados pelo protagonista de *Recordações do escrivão Isaías Caminha* e constituem uma metáfora para o escritor moderno da Literatura Brasileira: sem o traço utópico do primeiro escrivão, Pero Vaz de Caminha, nem a inteireza absoluta de um personagem alencariano, como o historiador “Vaz Caminha”, porém, o melancólico, fragmentado e vacilante escrivão Isaías Caminha cujo estado geral inquieta o leitor porque lhe fora anunciado um relato das fases da vida de um indivíduo e, na espera de uma seqüência temporal que encaminhe os acontecimentos a um clímax - de êxito ou fracasso da personagem - decepciona-se com a permanente sensação de deslocamento em Isaías, mesmo quando já favorecido redator de jornal. Apesar da narrativa machadiana, o leitor brasileiro ainda deseja, no começo do século, a perspectiva romântica de herói e de acomodação dos conflitos pelo narrador. Em geral, não suporta bem a incerteza, a fragilidade, a indecisão, enfim, a dissolução tanto de homens e seus ideais, quanto da própria forma de expressão.

No entanto, esse mesmo leitor, percebe nas obras de Lima Barreto, Augusto dos Anjos, Kilkerry e Euclides da Cunha um diálogo com a tradição literária, romântica e naturalista, para discutir o papel da literatura, do artista, e, simultaneamente, incutir tensão nos sentidos de brasilidade. Quer no conjunto de temas tais como o pobre, o índio, o negro, a barbárie do homem civilizado, a cultura popular, quer, especialmente, na forma literária que, ao dobrar-se sobre si mesma, expõe suas fissuras, no desejo de manter tudo sob suspeita!

Vemos, nessa perspectiva, a tradição romântica carregando seus “doentes”, com a “tosse hereditária” de barbárie e opressão, num ângulo distorcido do saudosismo e com a dose de extravagância que marca a sua individualidade, sem a qual, conforme Baudelaire, não existe o

belo. E a beleza e energia que emanam, do texto abaixo, exemplificam a dimensão da dor que os poetas e escritores modernos receberam como herança, romântica e naturalista.

Aturdia-me a tétrica miragem
De que, naquele instante, no Amazonas,
Fedia, entregue a vísceras gluttonas,
A carcaça esquecida de um selvagem.

A civilização entrou na taba
Em que ele estava. O gênio de Colombo
Manchou de opróbrios a alma do *mazombo*,
Cuspiu na cova do *morubixaba*.

E o índio, por fim, adstrito à étnica escória,
Recebeu, tendo o horror no rosto impresso,
Esse achincalhamento do progresso
Que o anulava na crítica da História!

Como quem analisa um apostema,
De repente, acordando na desgraça,
Viu toda a podridão da sua raça
Na tumba de Iracema!...
(ANJOS, 1994, p.247)

Entre as doenças trazidas pela modernidade está o excesso de um sentido histórico, de um exercício desmedido da memória, cristalizado numa escritura que apresenta o tempo passivo, impermeável ao inesperado, ao novo através do desenrolar tranqüilo e linear de uma narrativa contínua. Entretanto, é preciso recordar, mas exercitando a memória como força ativa, geradora da mudança que designa a vida sem o fardo do ressentimento. É preciso recordar para aprender com o passado, redimensioná-lo para engendrar o presente. Ao lidar com a tradição, em *Contrastes e Confrontos*, Euclides da Cunha critica nos intelectuais o ‘exílio subjetivo’ que ainda procura “nas velhas páginas de Saint-Hilaire...notícias do Brasil”. Sugere, ainda, um estado de supressão temporária da historicidade, das ocupações e valores estabelecidos pela memória, de perfil passivo, para a leitura do homem, da terra, do país. Apresenta, na sua argumentação, o exemplo da escrita sedimentada por camada de estereótipos - levada a termo pela Sociologia de

seu tempo - que, misturando Hegel com Cervantes, identifica o brasileiro como “ povo pródigo, doudivanas, que anda na história a espediçar uma herança”.(CUNHA,E.1995,p.158)

O escritor produz uma reflexão sobre o quanto a desmedida da história prejudica o vivo, o presente, a possibilidade do novo. A radicalidade desta tensão história-presente efetiva-se na modernidade e é inseparável da desconstrução da tradição. Lima Barreto e seus contemporâneos reconhecem ser necessário lembrar que a própria Literatura é, em si, histórica, como resultado de um longo processo que deve ser rememorado e, até, comemorado. No entanto, precisam esquecer seus valores instituídos, estabelecendo uma relação profundamente nova com a linguagem, para transmitir o que a tradição, afinal, não recorda, mas a modernidade traz à cena – o conteúdo desumano que reveste o progresso, a fragilidade de suas certezas e a dimensão da dor, silenciada pela ordem!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, M. Prefácio Interessantíssimo. *Poesias completas*;ed.cítica Diléa Z.Manfio. Belo Horizonte, Itatiaia; São Paulo, EDUSP, 1987.
- ANJOS, Augusto dos. *Obra Completa*. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1994.
- CAMPOS, Augusto de. *Re-visão de Kilkerry*. São Paulo, Brasiliense, 1985.
- CUNHA, Euclides da. Contrastes e confrontos. *Obra Completa*. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1995.
- FIGUEIREDO, Carmem L.N. de. *Trincheiras de sonho: ficção e cultura em Lima Barreto*. Rio de Janeiro Tempo Brasileiro, 1998.
- LIMA BARRETO, A.H. de. *Obras completas de Lima Barreto*. São Paulo, Brasiliense, 1956, 17 v.
- NIETZSCHE, F. *Considerações intempestivas*; trad. de Lemos de Azevedo. Lisboa, Editorial Presença; São Paulo, Martins Fontes,s/d.